

DOI: <https://doi.org/10.18309/anp.v51i2.1464>

APRESENTAÇÃO

INTRODUCTION

Vera Lúcia Lopes Cristovão
Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná, Brasil
cristova@uel.br

Eliane Gouvêa Lousada
Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil
elanelousada@uol.com.br

Richard Brunel Matias
Universidad Nacional de Córdoba, Córdoba, Argentina
richardbrunelmatias@gmail.com

A problemática dos Gêneros Textuais/Discursivos e sua relação com o ensino, a formação de professores, os letramentos, a literatura, a descrição/análise linguística e tantas outras temáticas vem crescendo desde a última década do século XX entre pesquisadores no Brasil e no mundo em diferentes perspectivas teórico-metodológicas. Tais aportes têm se intensificado na grande área da Linguística e Literatura, cujo espaço de representação e atuação relevante e expressivo se dá também na Associação Nacional de Pós graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL) por meio dos grupos de trabalho (GT), por exemplo. Assim, o dossiê temático n. 52 da Revista da ANPOLL aborda questões que envolvem a temática de Gêneros Textuais/Discursivos, por meio de pesquisas desenvolvidas no âmbito do GT de Gêneros Textuais/Discursivos da ANPOLL, por exemplo, em eventos como o SIGET, mas, também, por outros pesquisadores do Brasil e de outros países que desenvolvem pesquisas nessa área.

O Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais (SIGET) foi criado em 2003, na Universidade Estadual de Londrina (UEL), Paraná, por iniciativa das pesquisadoras Vera Lúcia Lopes Cristovão e Elvira Lopes Nascimento, com o título de I Simpósio Internacional de Linguística Contrastiva e gêneros textuais. Na primeira edição, foi abordada a pesquisa sobre gêneros textuais no Brasil, tema também tratado em sua segunda edição, realizada em 2004, em União da Vitória, Paraná, sob a coordenação de Acir Mário Karwoski.

Em 2005, o SIGET saiu do Paraná, tendo sido realizado em Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), sob a coordenação de Désirée Motta-Roth. Essa terceira edição do SIGET destacou a importância de uma agenda político-pedagógica relacionada a questões de gêneros textuais, bem como de sua relação com as políticas governamentais.

Em 2007, em sua quarta edição, o SIGET foi para Tubarão, Santa Catarina, sob a coordenação de Adair Bonini, Débora de Carvalho Figueiredo e Fábio José Rauen. Nessa edição, as várias correntes de estudos de gêneros textuais/discursivos foram problematizadas, além de ter iniciado o processo de internacionalização do evento, com vários convidados internacionais.



Em sua quinta edição, em 2009, sob a coordenação de Marcos Baltar, o SIGET voltou ao Rio Grande do Sul, priorizando questões sobre o ensino de idiomas, tendo como unidade de ensino os gêneros textuais e apontando as relações entre os gêneros textuais e a alfabetização. Nessa edição, foi mantido o processo de internacionalização do evento.

A sexta edição do SIGET, em 2011, com o mesmo tema de 2009, mudou radicalmente de região, pois foi sediado em Natal, Rio Grande do Norte, Brasil, sob a liderança de Maria do Socorro Oliveira e sua equipe.

Em 2013, já em sua sétima edição, sob a coordenação de Antônia Dilamar Araújo e Júlio Araújo, o SIGET continuou no nordeste brasileiro. Foi realizado em Fortaleza, Ceará, Brasil e promoveu a discussão sobre a operação de gêneros textuais/discursivos nas múltiplas esferas de atividade humana.

Em sua oitava edição, o SIGET foi realizado, pela primeira vez, no Sudeste, na cidade de São Paulo. Em 2015, ele foi sediado na Universidade de São Paulo (USP), com coordenação de Eliane Gouvêa Lousada, em conjunto com Unicamp (Roxane Rojo), Unesp (Lília Santos Abreu-Tardelli e Solange Aranha) e Universidade São Francisco (Luzia Bueno). O evento procurou discutir a seguinte questão, que tem estado no palco dos debates sobre gêneros textuais/discursivos na segunda década do século XX: Os diálogos estão ocorrendo no Brasil relacionados aos estudos de gênero constituem uma escola brasileira para o estudo de gêneros? Nessa edição, como desde 2007, a proposta de internacionalização foi mantida e inúmeros pesquisadores vindos de outros países, tanto como convidados quanto como apresentadores ou participantes, fizeram parte do evento.

Em 2017, em sua nona edição, o SIGET foi realizado novamente em uma região diferente: Mato Grosso do Sul. O evento em Campo Grande foi coordenado por Adair Vieira Gonçalves e sua equipe, e convidou pesquisadores em geral para discutir a questão da pesquisa e ensino de gêneros textuais/discursivos ligados à participação social em uma sociedade que reivindica pesquisas de natureza inter/transdisciplinar, além de exigir dos pesquisadores estudos com foco não apenas no texto escrito e verbal, mas também nas múltiplas línguas, mídias e culturas que compõem a produção de sentidos na atualidade.

Em sua décima edição, o SIGET deu mais um passo de extrema importância para a internacionalização: ele foi realizado, pela primeira vez, em outro país, a Argentina. Sob a coordenação de Richard Brunel Matias e equipe, o SIGET ocorreu na Universidade Nacional de Córdoba (UNC), berço da Reforma Universitária de 1918, tendo a Faculdade de Línguas como sede de seu primeiro passo para concretizar, ainda mais, a internacionalização. A temática do diálogo, lançada em 2015, foi retomada, mas, desta vez, colocando vozes do sul em debate. Com inúmeros participantes do Brasil, da Argentina, do Chile, do Uruguai, da Colômbia, dos Estados Unidos, do Canadá, de Portugal e da Grécia, o X SIGET ampliou os debates “brasileiros”, propondo diálogos sobre gêneros textuais/discursivos com pesquisadores da América do Sul.

Assim, após 10 edições e 17 anos de existência, o SIGET se mostrou um evento consolidado, coeso, instigante e capaz de impulsionar os estudos sobre gêneros textuais/discursivos e não apenas no contexto brasileiro. Como aponta Dolz (2016, p. 16), na apresentação do ebook do SIGET-2015, os estudos realizados no Brasil são importantes também para pesquisadores estrangeiros: “aceito entrar nos diálogos brasileiros porque a alteridade, o olhar externo e a compreensão do pensamento dos diferentes autores que constituem o meu campo de pesquisa é também fundamental para o meu próprio progresso”. Isso confirma a vocação do SIGET para ser um espaço de divulgação das mais recentes pesquisas brasileiras relacionadas aos gêneros textuais/discursivos. Como afirma, ainda, Dolz (2016, p. 20),

os estudos brasileiros [...] merecem ser conhecidos fora do Brasil. São trabalhos que permitem o avanço das minhas próprias pesquisas e das diferentes correntes mencionadas. Certamente eles precisam ser mais conhecidos no exterior. Coletivamente podemos contribuir com o desenvolvimento de uma teoria geral sobre os gêneros textuais/discursivos. O diálogo aberto é necessário e não deve ser somente entre os brasileiros (DOLZ, 2016, p. 20).

Vemos que, já em 2016, Dolz apontava a necessidade de que os estudos brasileiros extrapolassem as fronteiras do país, para se tornarem conhecidos no exterior. Essa afirmação encontra respaldo em Bawarshi e Reiff (2010, p. 77) ao indicarem que há, no Brasil, uma síntese de pesquisas sobre gêneros que colocam várias tradições como compatíveis e interconectadas, o que contribui para esclarecer o funcionamento dos gêneros e de seu ensino, em diferentes níveis.

Portanto, estes foram os objetivos mais amplos do X SIGET, realizado em Córdoba, Argentina: intensificar a internacionalização do evento, realizando-o em outro país; divulgar as pesquisas brasileiras para fora do país; dar voz a pesquisadores do Sul, que tanto têm contribuído para os estudos sobre gêneros textuais/discursivos; propor debates sobre o funcionamento dos gêneros e seu ensino.

A partir da retomada do percurso (processo histórico de criação e consolidação) do SIGET, este número da Revista da ANPOLL resgata os objetivos principais do X SIGET, pois oferece a oportunidade aos leitores de entrar em contato com algumas das apresentações e simpósios mais significativos do evento, de modo a fomentar o diálogo entre pesquisadores de diversas nacionalidades e abordagens teóricas em torno dos gêneros textuais/discursivos. Estão representados, assim, estudos realizados no Brasil, Canadá e Argentina.

Ancorados na Análise Dialógica do Discurso (ADD – de Bakhtin e Círculo), Adail Sobral e Karina Giacomelli discutem o gênero discursivo como instrumento para práticas sociais e como objeto didático. Nessa relevante questão, os pesquisadores tratam das implicações do uso do gênero na escola tanto no estudo da língua enquanto sistema como da linguagem enquanto ação para argumentarem que a recepção e produção de textos dependem do contexto da enunciação. Portanto, a transposição de textos de gêneros diversos para o ambiente escolar imprime necessariamente uma mudança nos elementos contextuais da atividade discursiva com esses textos. A discussão rica e provocativa dos pesquisadores trata de uma questão pertinente e significativa sobre os gêneros no ensino que é também desenvolvida por Bezerra neste volume.

No artigo de Jacquie Ballantine e Natasha Artemeva, da Universidade de Carleton, em Ottawa, no Canadá, as pesquisadoras discutem letramentos acadêmicos de estudantes universitários autistas a partir de suas visões sobre interações com outros autistas e não autistas. O estudo investigou dados de entrevistas de doze alunos autistas, de duas universidades canadenses, de diferentes áreas do conhecimento, à luz dos Estudos Retóricos de Gêneros (ERG). As autoras defendem que a compreensão dessas interações pode ser um ponto de partida relevante para o desenvolvimento de recursos profícuos voltados aos letramentos acadêmicos de estudantes autistas em contextos universitários hegemonicamente não autistas. O artigo é uma contribuição pertinente para uma área ainda escassa de estudos com uma descrição clara do desenho metodológico da pesquisa, discussão dos dados com base nas lentes da Sociorretórica (ERG) para a compreensão dos movimentos retóricos realizados e os desempenhos genéricos construídos por autistas em suas interações.

No instigante texto de Dora Riestra, o contexto sócio-histórico ideológico é mobilizado na articulação de fatos e referências que vão sendo usadas para a construção de lentes teórico-metodológicas do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD). A autora aborda a questão dos conteúdos tanto de língua quanto de literatura serem objetos de ensino pela perspectiva de

gêneros já que são eles os instrumentos para práticas languageiras de leitura, escrita e oralidade. Tendo em vista a inequívoca relevância dos gêneros para o ensino, Riestra explica, com base no ISD, o papel do modelo didático de gênero como um saber necessário para o agir com a linguagem em situações sociais. Esse saber é didatizado pela proposta de sequências didáticas que propõem atividades para o desenvolvimento de capacidade de linguagem, bem como para se ocupar de reflexões metalinguísticas. Neste ensaio teórico, fundamentada em conceitos dos autores revisitados, a prestigiosa pesquisadora argentina defende a premissa de que o ensino não seja aplicacionismo, mas um trajeto didático que articule o estudo da língua com a construção de sentidos.

Benedito Gomes Bezerra, renomado especialista brasileiro nos estudos de gênero, aborda uma questão imprescindível sobre a problemática do gênero ser um simulacro no Ensino, desenvolvendo a noção do gênero como ação social quando seu uso na esfera escolar subentende sua recontextualização em relação à situação de produção, circulação e recepção. Para isso, o autor faz uma breve menção a três diferentes abordagens para o ensino de gênero, a Linguística Sistêmico Funcional, o Inglês para Fins Específicos, o Interacionismo Sociodiscursivo para então desenvolver a proposta dos Estudos Retóricos de Gênero (ERG) para essa problemática. A fim de ilustrar a perspectiva dos ERG, pesquisas desenvolvidas no Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) são trazidas, confirmando uma possibilidade produtiva em termos de experiências pedagógicas com gêneros.

O artigo de Tânia Magalhães aborda a questão da oralidade, ausente, durante muitos anos, nos estudos sobre ensino de língua materna. Como salientam diversos autores (DOLZ, SCHNEUWLY, 2009; DOLZ; SCHNEUWLY, 2009; BUENO; COSTA-HÜBES, 2015), o foco principal na escrita trouxe como consequência que o trabalho com gêneros orais foi pouco estudado, pesquisado e divulgado. Nesse sentido, o capítulo, intitulado “Oralidade nas dissertações do Mestrado Profissional em Letras: formação docente para possibilidades de inovação na escola básica” procura preencher essa lacuna, ao considerar a oralidade como prática social e a fala como modalidade de uso da língua. Para tanto, a autora propôs uma análise de 59 dissertações do Mestrado Profissional em Letras, de 2015 a 2018, procurando identificar a abordagem da oralidade adotada em cada uma delas. O interesse de tal tipo de pesquisa é o de mapear e compreender de que forma a oralidade pode entrar na escola, já que o mestrado profissional é um importante local de relações entre estudos acadêmicos e educação básica. Dessa forma, o capítulo traz grande contribuição para compreender o papel da oralidade na educação básica em contexto brasileiro.

Já Rodrigo Acosta Pereira e Elisabeth Brait nos apresentam uma análise de enunciados do gênero notícia, publicados em revistas *online* brasileiras voltadas para as mulheres. Para tanto, tomam por embasamento geral a teoria de Bakhtin e do Círculo, intitulada Análise Dialógica do Discurso (ADD). Ao abordarem o gênero notícia direcionado para mulheres, os autores tocam em uma questão bastante atual e pertinente, sobre a qual muitas outras pesquisas na área da Linguística Aplicada se debruçam na atualidade: os textos e discursos produzidos por ou para mulheres, como podemos ver em Costa (2020) ou Contieri (2015) e em muitos outros estudos. Pereira e Brait trazem uma importante contribuição para os estudos discursivos, pois exploram a questão da valoração no campo dos estudos discursivos, concluindo que esta é um índice social avaliativo-expressivo-axiológico do enunciado.

No artigo intitulado “Do trabalho com gêneros de texto/discurso no ensino de língua materna: um percurso de continuidades, mudanças e possibilidades”, Ana Maria de Mattos Guimarães e Anderson Carnin nos apresentam uma (meta)análise do percurso de ambos enquanto professores e formadores de professores língua materna (português) em relação ao trabalho com gêneros de texto/discurso em contexto escolar. Os autores propõem, assim,

uma reflexão crítica sobre desafios vivenciados no trabalho com gêneros de texto/discurso no percurso entre a formação (acadêmica) e a prática (de sala de aula) e, nesse sentido, dialogam com outros estudos realizados com base no quadro teórico-metodológico do Interacionismo Sociodiscursivo, como as de Machado (2004), Lousada (2006, 2017, 2020), Medrado e Costa (2020), Leurquin e Araújo (2017), entre outros. A proposta de reflexão crítica e, de certa forma, síntese do que tem sido feito pelos autores nas últimas duas décadas é original e traz contribuições importantes para a área de formação de professores.

De autoria de Maria do Socorro da Silva, o artigo “Aprendendo a ler para escrever: o gênero textual resumo científico e letramento acadêmico” explora uma experiência pedagógica centrada na leitura crítico-analítica de resumos científicos produzidos no domínio específico da área de Letras, com vistas ao processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita na universidade. Com base na Nova Retórica e nos estudos sobre o Letramento Acadêmico, o artigo expõe análises de dados gerados na disciplina Linguística IV do Curso de Letras, especificamente sobre o gênero resumo científico. Nessa perspectiva, o artigo dialoga com muitos outros que têm abordado o vasto campo do Letramento Acadêmico, para o qual têm se voltado inúmeros estudos na América Latina (PEREIRA, 2019) e no Brasil (PEREIRA; BASÍLIO, 2014; FERREIRA; LOUSADA, 2016). O artigo ressalta as possibilidades de promover, na universidade, o acesso à cultura letrada, mostrando, através de uma abordagem etnográfica, como é possível contribuir para a aprendizagem das práticas de leitura e escrita através do currículo, à semelhança do que desenvolvem outros autores anglófonos, como BAZERMAN (2005, 2006), na perspectiva do WAC (*Writing Across the Curriculum*).

Francisco Alves Filho e Carolina Aurea Cunha Rio Lima apresentam, em seu artigo, uma análise dos passos retóricos em projetos de pesquisa escritos por pesquisadores experientes da área de Química, buscando compreender sua relação com o estabelecimento da relevância da pesquisa. Intitulado “Estratégias socioretóricas para proposição de pesquisa na cultura disciplinar de química: uma análise de projetos de pesquisa de *experts*”, o artigo mostra que o passo retórico “relatar a pesquisa prévia” é importante para contextualizar o projeto dentro das discussões e dos procedimentos já realizados, evidenciando lacunas e insuficiência de pesquisas anteriores, o que pode cooperar para reforçar a argumentação em favor do projeto. Ao focalizar uma área, a de Química, os autores contribuem sobremaneira para os estudos sobre os impactos da cultura disciplinar na escrita acadêmica, dialogando, assim, com estudos como os de Pereira (2020), Lousada, Dezutter e Blaser (2019), Alava e Romainville (2001) e Connor (2011). Por fim, os autores apontam que os projetos se preocupam em estabelecer ligações das pesquisas com o mundo real, procurando resolver problemas práticos do mundo, aliando o mundo acadêmico ao mundo social, temática muito relevante nos tempos atuais.

Em “Agir social e a dimensão (inter)cultural: desafios à proposta de produção de sequências didáticas”, Marileuza Ascencio Miquelante, Vera Lúcia Lopes Cristovão e Cláudia Lopes Pontara informam os resultados da análise das atividades de uma das sequências didáticas de um conjunto de dezesseis sequências produzidas para o ensino de línguas no Centro de Línguas Estrangeiras Modernas do estado do Paraná. Buscam descrever em que medida a sequência didática em questão potencializa tanto o desenvolvimento de conhecimentos (inter)culturais quanto das capacidades de linguagem. Os resultados indicam que as atividades da SD contemplam as categorias (inter)culturais e seus conhecimentos, oportunizando ao/a professor/a e aos/as estudantes um ensino e aprendizagem que tenha o agir social como eixo organizador.

Antônia Dilamar Araújo, Paulo Henrique Moura Lopes e Maria Áurea Albuquerque Sousa analisam de que forma a multimodalidade está presente em uma webaula tanto pelo viés

da Semiótica Social como pelo campo da Psicologia Educacional. Em “A webaula sob a perspectiva da multimodalidade: uma análise de uma aula digital de espanhol para ensino a distância”, as autoras se debruçam sobre uma webaula produzida para um curso de Licenciatura em Língua Espanhola na modalidade à distância, tendo como resultados de sua análise a predominância do modo verbal sobre os demais modos semióticos mesmo com os *affordances* do suporte em que está disponibilizado, não integrando ao material as potencialidades dos recursos semióticos que podem promover uma aprendizagem mais significativa em situação de educação a distância ou mesmo presencial.

Aline Nardes dos Santos e Rove Chishman realizam a análise de uma reportagem proveniente de uma das publicações especializadas da *Revista Nova Escola*. O artigo se intitula “Representações do trabalho do professor na revista Nova Escola: um estudo de caso a partir do gênero reportagem”. Ancorados nos pressupostos do Interacionismo Sociodiscursivo, os autores analisam como o agir docente é representado. Os resultados mostram que o professor é predominantemente configurado como profissional desvinculado dos conflitos e das prescrições que permeiam o seu *métier*, cujas iniciativas individuais – centradas na busca por cursos, capacitações e materiais de apoio – seriam suficientes para garantir o êxito de seu trabalho.

Situados numa proposta teórico-metodológica que focaliza a análise discursiva do poema-slam intitulado “Século XXI”, do slammer carioca Wesley Jesus (WJ), disponível no YouTube, no artigo titulado “O gênero poetry slam: reexistência e construção da identidade negra como um grito das vozes do sul”, Natália Barreto Felix, Talita de Oliveira, Fabio Sampaio de Almeida e Maria Cristina Giorgi objetivam compreender o *poetry slam* como gênero discursivo contemporâneo de reexistência que ecoa vozes de sujeitos subalternizados sócio-historicamente – especialmente jovens negros das periferias – nossas vozes do sul. Os resultados apontam posicionamentos de resistência aos discursos hegemônicos que legitimam a necropolítica voltada para jovens negros das periferias brasileiras, cujas vozes, ao se apropriarem da linguagem como instrumento estético-político-ideológico, produzem resistência ao racismo e a outras formas de opressão. O trabalho abre as portas a novos estudos sobre *poetry slam* e reivindica aprofundar as análises sobre esse gênero de reexistência, trazendo, para o centro do debate, vozes e demandas de sujeitos apartados da produção de conhecimento.

José Maria de Aguiar Sarinha Júnior e Fábio Alexandre Silva Bezerra, em “Investigando representações identitárias em charges no contexto de sala de aula: multimodalidade, leitura crítica e interseccionalidade”, discutem representações identitárias construídas por meio do texto multimodal charge no contexto de sala de aula na educação básica. A discussão se aprofunda a partir de estudos identitários desde uma perspectiva decolonial. Os resultados apontam para a necessidade do desenvolvimento de práticas de leitura e de escrita baseadas em uma abordagem crítica e interseccional, que integrem múltiplas linguagens e semioses em sala de aula, além de incluir discussões sobre questões sociais complexas, como as identitárias, em um país com características tão diversas em face a frequentes mudanças na vida sociocultural, histórica e política.

Para fechar nosso dossiê, o cativante artigo de Eliane Gouvêa Lousada discute os gêneros de texto usados no contexto do trabalho docente com potencial para o desenvolvimento humano e profissional. Com base em conceitos do Interacionismo Sociodiscursivo, da Clínica da Atividade e da Ergonomia da Atividade, a autora apresenta resultados de análise de uma entrevista de auto-confrontação e discute o potencial desse procedimento para o desenvolvimento e para a formação de professores. Nessa discussão, o papel da linguagem como atividade simbólica permite compreender o papel dos gêneros no trabalho bem como seu potencial de transformação do próprio trabalho (docente, neste caso).

Os artigos reunidos neste número propõem importantes reflexões e trazem grandes contribuições para os estudos dos gêneros textuais/discursivos na atualidade. Ao abordar temáticas instigantes, indo de propostas de uso de gêneros para o ensino, passando pela interculturalidade, pelas tecnologias, pelo letramento acadêmico, até chegar às questões ligadas à formação de professores para o trabalho com gêneros em sala de aula, o número enriquece os estudos da área e constitui uma positiva contribuição do X SIGET para os estudos dos gêneros textuais/discursivos no mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

- ALAVA, S.; ROMAINVILLE, M. Les pratiques d'étude, entre socialisation et cognition. **Revue française de pédagogie**, 136, p. 159-180, 2001.
- BAWARSHI, A. S.; REIFF, M. J. **Genre An Introduction to History, Theory, Research, and Pedagogy**. West Lafayette: Parlor Press and The WAC Clearinghouse, 2010.
- BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.
- BAZERMAN, C. **Gênero, agência e escrita**. São Paulo: Cortez, 2006.
- BUENO, L.; COSTA-HÜBES, T. C. (Orgs.). **Gêneros orais no ensino**. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2015. v. 1. 376p.
- CONNOR, U. **Intercultural rhetoric in the writing classroom**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2011.
- CONTIERI, A. A. Mulheres do campo: análises de representações do feminino em canções sertanejas. **Revista de Estudos Linguísticos**, v. 44, n. 2, p. 545-558, 2015.
- COSTA, T. de A. **O português paulista no século XIX: A mulher em uma encruzilhada linguística**. Campinas: Setor de Publicações do IEL-Unicamp, 2020.
- DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Pour un enseignement de l'oral: Initiation aux genres formels à l'école**. Montrouge: ESF Éditeur, 2009.
- DOLZ, J. Prefácio: início de um diálogo necessário. *In*: LOUSADA, E. G; FERREIRA, A. D'O; BUENO, L.; ROJO, R.; ARANHA, S.; ABREU-TARDELLI, L. **Diálogos brasileiros no estudo de gêneros textuais/discursivos**. Araraquara: Letraria, 2016, p. 14-20.
- FERREIRA, M. M.; LOUSADA, E. G. Ações do laboratório de letramento acadêmico da Universidade de São Paulo: promovendo a escrita acadêmica na graduação e na pós-graduação. **Ilha do Desterro**, v. 69, p. 125-140, 2016.
- LEURQUIN, E. V. L. F.; ARAÚJO, P. F. R. de. O estágio como espaço para repensar o ensino e a aprendizagem de língua portuguesa. *In*: ARANHA, M.; ARAÚJO, N. S.; ALMEIDA, S. (Orgs.). **Discursos linguísticos e literários: investigações em Letras**. 1. ed. São Luiz: EDUFMA, 2017, v. 1, p. 09-30.

LOUSADA, E. G. **Entre o trabalho prescrito e o realizado: um espaço para a emergência do trabalho real do professor**. 2006. 333 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

LOUSADA, E. G. Intervenção, pesquisa e formação: aprendizagem do trabalho educacional e desenvolvimento de professores. **Horizontes**, v. 35, n. 3, p. 94-104, 2017.

LOUSADA, E. G. O papel das vozes enunciativas nas verbalizações de professores iniciantes sobre seu trabalho: reflexões sobre tomada de consciência e desenvolvimento. *In*: GUIMARÃES, A. M.; CARNIN, A.; LOUSADA, E. G. (Orgs.). **O Interacionismo Sociodiscursivo em foco: reflexões sobre uma teoria em contínua construção e uma práxis em movimento**. 1. ed. Araraquara: Letraria, 2020, v. 1, p. 93-116.

LOUSADA, E. G.; DEZUTTER, O.; BLASER, C. A formação de futuros professores pesquisadores: o letramento acadêmico em foco em experiências didáticas com os gêneros resenha e artigo científico. *In*: PEREIRA, R. C. M. (Org.). **Escrita na universidade: panoramas e desafios na América Latina**. 1. ed. João Pessoa: UFPB, 2019, v. 1, p. 207-238.

MACHADO, A. R. **O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva**. Londrina: EDUEL, 2004.

MEDRADO, B. P.; COSTA, W. P. A. O Programa de Residência Pedagógica: refletindo sobre a formação dos coletivos de trabalho. *In*: GUIMARÃES, A. M.; CARNIN, A.; LOUSADA, E. G. (Orgs.). **O Interacionismo Sociodiscursivo em foco: reflexões sobre uma teoria em contínua construção e uma práxis em movimento**. 1. ed. Araraquara: Letraria, 2020, v. 1, p. 141-162.

PEREIRA, R. C. M. (Org.). **Escrita na universidade: panoramas e desafios na América Latina**. 1. ed. João Pessoa: UFPB, 2019, v. 1.

PEREIRA, R. C. M. A escrita na iniciação científica: da materialidade textual à influência da cultura disciplinar. *In*: GUIMARÃES, A. M.; CARNIN, A.; LOUSADA, E. G. (Orgs.). **O Interacionismo Sociodiscursivo em foco: reflexões sobre uma teoria em contínua construção e uma práxis em movimento**. 1. ed. Araraquara: Letraria, 2020, v. 1, p. 309-330.

PEREIRA, R. C. M.; BASÍLIO, R. A didatização da resenha acadêmica em contexto universitário. *In*: NASCIMENTO, E. L.; ROJO, R. H. R. (Orgs.). **Gêneros de Texto/Discurso e os desafios da contemporaneidade**. 1. ed. Campinas-SP: Pontes, 2014, v. 1, p. 229-246.